



(a participação da contra- regragem pode ser evidente e extremamente importante conforme a marcação das cenas. Podemos trabalhar com os 4 elementos, água, fogo, ar e terra, em cena. Os contra regras podem colocar estes elementos criando um cenário, ou mesmo jogar objetos para ou em cima do performer, indicando signo. No meio do vendaval que morrem seus amigos, por exemplo, pode ser jogado um balde de água no seu rosto, ou quando ele conta as suas lembranças podem ser jogadas pétalas de rosas, serpentinas, etc. Eles podem manipular os objetos que serão postos em locais específicos, como uma cadeira por exemplo, através de linhas em barbante, o que possibilita que eles arrumem o “cenário” sem entrar no círculo do performer.)

(terceiro sinal, o público entra. O homem está sentado na cadeira de rodas, permanece imóvel por aproximadamente 5 minutos. De repente, como num rompante ele move a cadeira até a frente, um foco se abre sobre ele e ele discursa) (tema efusivamente alegre, lendário) (algo como lê bastille? ou algo como metrônomo = melodia I)

(vivamente, como um louco) Saudações, meu rei, como vai vossa meritíssima senhoria alteza majestade real divina? Vos agradeço por ter comparecido a esta humilde reuniãozinha SINGela e SIMplória. Esta reuniãozinha a dois, a três, a todos nós, obrigado! (como se tivesse errado) Desculpe. (repete este trecho três vezes)

(fala normal, como se desculpasse com o público) Estou nervoso, um pouco nervoso, entenda a gagueira caso ela vier, entenda minha dicção ruim, entenda o que quero dizer, preste atenção, preste atenção, e só se levante quando terminar, de preferência. Dê preferência aos mais velhos quanto aos assentos, caso não aja assentos para todos, espero que não aja. Mas falo de ti, (volta a falar como louco, fala com o holofote) divindade, falo contigo, sente-se. Sente-se melhor agora? Mais relaxado? Eu estou, estou bem melhor, alma renovada, feliz que estou, estou feliz! Sim! Sim! Sinceramente me sinto feliz. Sinceramente. Mente. Mente de mentira, mente de pensamento, (fala normal como se saísse da personagem) isso é ridículo. Desculpe... (volta a falar como louco) Divina santidade, venho pedir sua compreensão neste momento ímpar de nossas existências, em que nos encontramos aqui por acaso, nos encontramos como quem se esbarra no escuro com uma estante (som de pancada) ou uma porta fechada

(som de porta abrindo), e aproveito o ensejo para implorar sua clemência e sua santidade para comigo, seu pródigo filho, homem honrado que sou, que seria, que poderei ser caso o senhor por acaso me conceda a graça de regenerar-me dos traumas consecutivos que sofri (chora) na infância, adolescência (chora), envelhecência (chora), morte (chora) e ressurreição (gargalha) e agora me prostro novamente aos seus pés como quem reza novena, como ovelha que busca pastor desesperada! (fala normalmente) Quero ser homem como nunca fui por conta do senhor, vossa majestade não ter me dado abrigo ou revelia, ou escapatória, ou mão amiga, ou guarda-costas, ou costas quentes, ou prato feito, ou qualidades, ou coragem para que eu pudesse vencer os meus defeitos, ou mesmo sorte, ou mesmo cegueira e surdez para que eu pudesse me anular com mais facilidade, ou mesmo perdão. (irado) Não te perdôo, escroto, esconjuro, tratante, divino morticínio, jogador de war, logicista, ativista de uma figa, criativista sem criatividade, demônio, divindade grotesca, manipuladora, Gepeto poderoso, Coppola, dá e toma, soberano do nada, detentor redentor, dissidente tirano! Tirano essa parte, o desabafo costumeiro, faz parte, me perdoe. Abençoa senhor, derrama senhora, derrama e enxuga. Desculpe, aos solitários só resta a profanação da divindade. Por meio do teatro. (repete o último trecho algumas vezes)

(o clima vai mudando aos poucos, uma luz mais forte que incide, fumaça, cena misteriosa) (som repetitivo, ritualístico, agonia= melodia 2)

Meu filho, que lhe toma a cabeça? Entendo o que diz, entendo tudo. Já entendi que conversa comigo através de sua arte, este desabafo é arte, não é isso? Eu comprehendo (faz sinal de mais ou menos), fique calmo. Esta imagem que fazem de mim, comprehensivo e sábio, ás vezes vem bem a calhar, fique calmo, fale com calma, não cuspa nas pessoas, estes perdigotos incomodam quem está sentado na primeira fila. Incomodam, as pessoas se arrumam, penteiam os cabelos, põe roupas, sapatos, maquiagem, não como a sua, maquiagem, não querem que lhe cuspiam a cara. É curioso que a diversão de alguns jovens seja cuspir na cara uns dos outros, é uma afronta engracada para o afrontador, cuspir no rosto do afrontado e correr pernas rindo gargalhadas já quase na outra esquina, eu vejo tudo. Folclore, o que se pode fazer, nem é de meu interesse interferir ou julgar, não. Mas olho fazendo careta, não posso evitar, é mais forte do que eu. Quanto a você, senhorzinho, aquietá o peito e olha o céu. Sempre que chove se entra pra dentro com medo de chuva, da próxima vez não corra, molhe o corpo, lave a alma e agradeça a bênção. Não é o que você quer? Ser abençoado? Quis ser gentil contigo, deixei que gozasse de sua vivência sem nenhuma responsabilidade. Erro meu admito, deveria ter lhe privado também desta consciência existencialista, erro meu. Acabou por se tornar um dos maiores castigos que poderia oferecer a alguém, uma vida desregrada e consciente do destrilho. É, erro meu. Cegueira e surdez, seriam talvez uma solução. Mas não declame nem brincando, filho, tormento tremendo, a monotonia monocórdica que é a vida do ser. Queria ser uma ameba? Então não peça, não pede desconsolo. Veja, conformidade talvez seja o melhor antídoto. Não é saudável bater repetidamente a cabeça contra a parede como não o é dar murro em ponta de faca. Conformidade. Abaixa a cabeça e entrega nas mãos de quem sabe dirigir. Não faz solo não. Não faz solo não.

(o homem cai exaurido. O clima volta a ser mais corriqueiro)

Eu entendo. Mas então o que o senhor me sugere? Que eu arrume malas, feche minha trouxa de roupas nas costas e siga pela estrada distante, errante, confuso que sou e que estou em direção ao pôr do sol? Pondo minhas desgraças e esperanças no horizonte, ao qual nunca se chega? Isso o senhor sugere? Sugere que seja solitário em mundo estranho? Sim, claro, sou solitário e o mundo em que me encontro desde sempre é estranho, quero dizer que serei ainda mais solitário e o mundo ainda mais estranho. Retirante é aquele que se retira, não é? Devo levantar velas? Acender uma vela, já me deu sua bênção, e agora vou conhecer o universo, pura poesia. É o que sugere?

(vira as costas como se fosse embora, mas encontra um amigo no meio do giro. O clima muda repentinamente através da música e luz. Talvez fumaça)

(nostalgia extrema) (melodia 3)

Ah, meu velho amigo! Que saudade que senti de você, apesar de quase ter me esquecido. Por algum tempo, mas agora lembro como se fosse ontem, tudo o que vivemos, o que rimos gargalhando a revelia dos mais mal humorados, agora me lembro como se o tempo nem tivesse passado. Veja que ironia, sonhei contigo ainda ontem, ontem á madrugada, sonhei que era namorado da amiga de minha namorada e que nos encontrávamos de repente em meio da rua, enquanto outros discutiam o meu futuro sem me perguntar patavinas. *(sorri sinceramente)* Fiquei tão feliz em te reencontrar, que alegria, sempre lhe fui muito simpático, seu jeito altivo, garoto esperto, amigo meu de certo, não há o que duvidar. É uma alegria, só assim mesmo para nos revermos, só assim em meio a uma representação, meio ao sono, ao subconsciente, meio ao que vem pela frente, só assim mesmo. Só assim, não?

(mudança de luz, fala meio com o público, meio com o iluminador, som agudo) (melodia 4) Espera... me deu uma dor de cabeça de repente. Meu Deus... Aqui óh... Uma dor forte, espera... Você já teve isso, essa dor? É forte, como se fosse explodir, é uma agonia. Aqui, de repente. Eu estava falando, fazendo meu teatro e de repente. Continuo falando e fazendo meu teatro, não quero que ninguém se compadeça, mas dói. A cabeça. *(som ainda mais agudo)*

(vira de repente para o outro lado como se nada tivesse acontecido. Ele se comunica com o passarinho)

Passarinho, pode me ceder um minuto do seu tempo? *(silêncio)* Estou andando por tanto tempo, desconsolado, sem pingo de água, preciso de uma informação. *(silêncio)* É só uma informação, nada demais, não quero desviar-lhe de sua meditação, longe de mim. Eu preciso saber, pergunta simples, preciso que me aponte com pena de asa, pena de cabeça, pena de mim do bico que faço, diz como faço para encontrar saída desta eterna estrada, saída terna. Qual dos caminhos leva a algum lugar? *(silêncio)* Entenda, todo este meu objetivo é para que um dia cesse essa minha insana jornada á procura do nada, por isso peço sua ajuda, passarinho. *(silêncio)* Está me escutando? *(silêncio)* Comunique-se, não me deixe afoito. *(silêncio)* Vai continuar arredio, feito surdo, surdo-mudo, cego e imponente fazendo como fazem os transeuntes batendo pernas fingindo cegueira frente os pedintes? *(silêncio)* Miserável que você é, pássaro quieto. Não tem noção do que passei: roupas, gravatas, sem mesa; léguas e léguas de água em meses e meses de navegação até chegar aqui. Quando me decidi mal tinha idéia. E todos os meus amigos... Todos que eu tinha, se perderam na medida em que as léguas se passavam. Bartolomeu a frente, Cisantono á direita, Eurípedes á esquerda, Diógenes á direita no fundo, e Penélope á esquerda no fundo. Eu me sentava no centro, sempre. Lembro que antes de partir anunciei:

(o ator faz todos os personagens parado no mesmo lugar)

“Amigos, estou de partida. Talvez demore a revê-los, demore a sentir o odor de seus cabelos, fitá-los nos olhos, não sei quanto tempo se passará, talvez demoremos a nos falar.” E ainda antes que pudesse partir senti um toque no ombro e uma voz decidida a me acalentar:

BARTOLOMEU: Iremos contigo, caro amigo, sem sua presença aqui, sem sua amizade a desbravar conosco as grutas da vida, nem mesmo a vida tem sentido. Muito menos suas grutas.

“Verdade Bartolomeu?”

PENÉLOPE: É verdade, caro amigo, é verdade. Lembro muito bem de quando nos conhecemos, muito jovens, e você sempre me trazia flor para me fazer rir.

CRISANTONO: E eu me lembro de estudarmos juntos, sempre antes das provas. Algumas vezes durante as provas, você era minha fonte de pesquisa instantânea. Como resolvo esta questão?

“Penélope, Crisantino, vocês sempre foram muito mais sentimentais e inteligentes do que eu!”

DIÓGENES: Em nossa adolescência, lembra? Só pensávamos em ir embora desbravar novas terras. Agora que você vai pensa que não irei junto?

EURÍPEDES: Meu amigo de filosofia, como poderei questionar o sol sem o seu palpite?

“Diógenes, Eurípedes, como poderia ir sem levar vocês comigo? Sem levar todos vocês?”

E assim fomos, todos juntos, apertados e felizes num mesmo barco, rumo ao desconhecido. Eles nem mesmo me perguntaram por que eu iria embora, muito menos pra onde ia. Apenas foram comigo. Bartolomeu disse: “Vou na frente para ver primeiro qualquer mal que se aproxime.” Crisanto sentou-se á direita remando com vigor e Eurípedes ficou á esquerda afim de tomar algumas anotações antes de cochilar sob o pôr do sol. Diógenes e Penélope traçavam conversa íntima, em paquera mútua, sentando-se no fundo do barco onde havia mais intimidade: “Agora veremos o sol amanhecer juntos, e amanheceremos juntos, e pescaremos nosso peixe e comeremos sob o mesmo prato.” “Não haverá pratos aqui, Diógenes, o máximo que poderemos fazer é comer com os mesmos talheres, já que depois de pôr a comida em sua boca eu terei que pôr na minha também.”

E assim seguimos por 30 dias, alegres. Ao findar um mês nossa alegria também teve fim.

CRISANTONO: Não me sinto bem, amigos. Pareço febril, será que fui acometido por algum mal grave?

Sim, disseram os deuses. E Crisantino não mais voltou a remar com vigor.

Quando perdemos Crisantino a viagem pareceu não ter mais sentido. Me senti culpado e permaneci calado durante alguns dias (*1 minuto de silêncio absoluto*). Me senti faminto depois de dias sem comida, os mares pareciam desertos, os poucos peixes pareciam espertos, na verdade nós quase não tínhamos mais iscas. “Você está comendo todas as iscas, Eurípedes?”

EURÍPEDES: Eu? Comendo iscas? O que pensa de mim? Que sou egoísta? Que não tenho escrúpulos? Que sou tão repugnante a ponto de comer minhocas?

“As iscas desaparecem, então alguém as está comendo!”

EURÍPEDES: E este alguém sou eu? O que lhe dá essa certeza? (sarcásticos) Sou eu o mais gordo, por acaso?

BARTOLOMEU: O mais gordo sou eu, tanto que me sento na proa para equilibrar o barco.

PENÉLOPE: Nos acalmemos, amigos. Perdemos Crisantino mas ainda temos uns aos outros.

EURÍPEDES: Só a comida nos falta.

“E as iscas.”

EURÍPEDES: O que você está insinuando? Não vê como estou debilitado? Não percebe? Só consegue olhar para seu próprio umbigo! Eu já nem tenho umbigo de tão magro. De tão magro.

Com o passar do tempo Eurípedes foi ficando cada vez mais magro, até ser acometido por uma espécie de infecção danosa e deixar de respirar. Evaporou aos poucos. As minhocas quase saíram pelas narinas do mentiroso.

BARTOLOMEU: Agora somos 4. Foi embora quase metade de nossa estimada tripulação.

DIÓGENES: Só não podemos perder nossa poesia, Bartolomeu. A poesia da vida é algo que temos que preservar até mesmo na morte.

PENÉLOPE: Você acha que vamos morrer, Diógenes?

DIÓGENES: Eu já quase não tenho mais cérebro, não sei dizer o que acho. Mas tenho certeza de uma coisa, estamos vivos neste momento! Ainda podemos aproveitar a poesia de sermos planta, vamos respirar e crescer, antes que sejamos adubo.

PENÉLOPE: Vamos nadar um pouco, Diógenes. Vamos nadar em saudação a vida!

DIÓGENES: Nadar?

PENÉLOPE: Nadar! Poucos metros. Tanto tempo estivemos nesse barco sem sentir verdadeiramente a água em nosso corpo. A água é um antídoto tão precioso.

DIÓGENES: Você tem razão!

-Os dois mergulharam juntos, de mãos dadas. Dadas as circunstâncias penso até que estavam bem felizes. Felizes foram, nadando, rindo, cantarolando um para o outro canções de acalanto até se perderem de vista."

(agora o ator não movimenta o corpo, apenas muda a expressão facial ao alternar os personagens)

BARTOLOMEU: Agora somos só você e eu.

"É."

BARTOLOMEU: E éramos seis. Agora somos só nós dois.

"É."

BARTOLOMEU: Todos mortos. E nós esperamos nossa hora para nos juntarmos aos outros.

"É."

BARTOLOMEU: "É" o quê?

"Há?"

BARTOLOMEU: Qual é o seu problema? Não percebe a situação desesperadora em que estamos?

"Em que situação estamos? Num barco grande, num mar grande, todo este sol. Encare como um cruzeiro."

BARTOLOMEU: Cruzeiro?

"Você não entende."

BARTOLOMEU: E o que eu deveria entender? O seu egoísmo frente esta catástrofe?

"Qual catástrofe?"

BARTOLOMEU: Como qual catástrofe? Esta que se abateu sobre nós, esta que nos levou 4 amigos!

"Eles se deixaram levar."

BARTOLOMEU: Se deixaram levar? Se deixaram levar por você, pequeno egoísta, um ativista inerte, um herói medíocre e agnóstico! Se deixaram levar quando decidiram seguir viagem com um borra botas estúpido e curvado como você!

"Estou curvado porque sinto frio."

BARTOLOMEU: Frio?! Frio?! Eu sinto ódio e repugnância contra você, ser sarcástico, que me impôs a provação de perder meus únicos 4 amigos e permanecer recluso em uma embarcação de dimensão tão ínfima onde minha companhia é o maior de meus inimigos, o ser que eu mais renego e repulso!

"Não lhe impus provação alguma, só os deuses impõe provações."

BARTOLOMEU: Deuses não existem!

(o homem se levanta de rompante e empurra Bartolomeu na água)

(mudança de luz) Com a ajuda dos deuses eu cheguei aqui, passarinho, sozinho, descrente. Preciso de sua ajuda, não seja tão altivo como se tivesse asas. Entenda o que se passa e tenha um pouco de compaixão.

(música)

Passará, passarinho, como se passaram os dilúvios, terremotos, as chacinas no caminho

Passará, passarinho, como não vingaram os malefícios, desperdícios, os abismos do destino

Passará, meu amigo, como tantas vezes já choramos arredios

Cantará, tão audível, como foi audível a vitória do inimigo

E por sermos sós, ao ver o sol, o que nos resta
é preparar banquete e arrumá-lo em fina mesa
já que estamos sós, sejamos nós e nossa a festa
irmãos de sangue e luta, companheiros de tristeza
eu tenho certeza, meu amigo passarinho
sou capaz, leão tenaz, o capataz de sua ordem
e como for de seu prazer, de seu mandado vou atrás
já que só tenho a você, e já não quero ser sozinho
me aponte o caminho

com pena de asa, pena de cabeça, pena de mim do bico que faço, diz como faço para
encontrar saída desta eterna estrada, saída terna
ainda que seja errada
dura que seja a caminhada, eu sigo nela

(como se o pássaro tivesse se compadecido um lampião se acende no fundo do palco, é a única luz na cena)

(ao longo da fala os contra-regras vão enchendo bexigas de ar, fazendo barulho de respiração, e jogando no palco. O personagem acha que as bexigas são patos e vai explodindo-as, até desistir de explodir todas. No final da cena ele explode todas em um acesso de fúria, e por isso sente a dor de cabeça. O som das bexigas se enche permanece durante toda a cena.)

Pato? Vejo algo se movendo, algo se mexendo se embrenhado pelo mato. Será um pato? Um pato?! Um gato, um cachorro, piolho, cobra, canelo... não, não seria assim tão grande. Poderia apostar, acho que é... um pato! Um pato! Pato, me acuda que já estou cansado, já me perdi de novo, e estou faminto, não minto, é verdade, pato? Não seja tolo, não seja chato, calado, silencioso como você é, seja mais expansivo, educado com as visitas, com as visitas educado, apareça pato! Falta de cortesia de sua parte, estou aqui lhe clamando ajuda, descendo do patamar de homem que me foi outorgado por Deus e batendo boca com um pato! Desce aqui pato, vamos bater um papo, apesar de estar faminto não quero abocanhar o pato! Afinal, quem come pato há de comer carrapato. Pato, não bata asas, não feche o bico, não me trate feito bicho que eu não sou seu colega, pato dissimulado, pato ordinário, pato obscuro. Venha galinho de briga, venha se mostrar, venha! Venha que lheuento uma piada, uma piada de pato, piu! Desculpe, essa foi a piada que o passarinho me contou, a sua é diferente, a sua é: piu-piu! Pato, calhorda, se eu achar uma pata gorda você desce em minha horta? Pato solitário de uma figa, venha fazer amizade, lhe convido para um jantar, um jantar! Gostei de você desde a primeira vez que lhe vi, você correndo pelos céus com sua pata amada, lado a lado, alado que és, correndo e cantando felizes, cantarolando Ivan Lins. Pensa que não me lembro? Quando te vi cruzando o sol feito jato com sua bela dama que inveja me deu. Soube que ela morreu, não pato?! (*escorre sangue de suas mãos*) Por isso agora está assim solitário, cabisbaixo, bico calado, nem voa mais. Tiro de caçador, foi? Alguém faminto, suponho. Minto, soube que foi doença na penugem, não? Comeu um peixinho estragado, um peixinho aidético, nós sabemos como o fundo do mar é promíscuo, os grandes comendo os pequenos. Hein, pato promíscuo, sente saudades? Tem saudades de sua pata gorda?

(desconstrói, fala como se sentisse a dor de verdade, como se falasse com a equipe do espetáculo)(melodia 4 intensificada) Ai, essa dor... Aqui oh, na cabeça, dói abessa. Juro que é verdade, dor imensa. Parece que explode tudo, aperta a mente, mal consegue pensar. Na cabeça.

*(por conta da forte dor de cabeça ele vai se sentando na cadeira novamente. A música sofejada no piano vai entrando aos poucos como se fizesse parte daquela dor.)
(lampião perto de si e foco no ator, contra-regra joga flores)*

Não me deixe, é preciso esquecer, tudo pode ser esquecido, que já tenha passado, esquecer do tempo, dos mal-entendidos, e o tempo perdido tentando saber como, esquecer as horas que às vezes mataram com sopros de porquês a última felicidade.

Não me deixe, não me deixe, não me deixe, não me deixe.

Eu te oferecerei pérolas de chuva vindas de países onde nunca chove, eu escavarei a terra, eu escaparei da morte para cobrir seu corpo de ouro e de luzes. Eu criarei um país onde o amor será lei, o amor será rei e você será a rainha. Não me deixe. Não me deixe. Não me deixe.

Não me deixe, eu te inventarei palavras absurdas que você compreenderá, eu te falarei daqueles amantes que viram de novo seus corações ateados, te contarei a história daquele rei morto por não ter podido te reencontrar. Não me deixe. Não me deixe. Não me deixe. Não me deixe.

Quantas vezes não se reacendeu o fogo do antigo vulcão que julgávamos velho? Até há quem fale de terras queimadas a produzir mais trigo que o melhor abril, e quando vem a noite com um céu flamejante vê como o vermelho e o negro se casam para que o céu inflame. Não me deixe. Não me deixe. Não me deixe.

Não me deixe, não vou chorar mais, não vou falar mais, eu me esconderei lá para te contemplar a dançar e sorrir para te ouvir cantar e rir. Deixa-me ser a sombra da tua sombra, a sombra da tua mão, a sombra do teu cão. Não me deixe. Não me deixe. Não me deixe. Não me deixe.

(volta a falar com o pato, alegre) É tudo piscologismo. A vida é chata, quando se quer pata e só se encontra psicopatas.

Piada de pato, piu-piu.

(tira um pano grande e fino pano branco de dentro de sua roupa e limpa as mãos sujas de sangue)

Pato, não seja chato, você não está só. Como eu estou. Afinal, quem nunca teve um amor verdadeiro e o perdeu? Todos os que amam acabam por perder o seu amor. É a regra primeira do amor verdadeiro, ame-o pura e completamente e um dia ele lhe deixará, puro e incompleto. Pato, fato, é o trato que o destino nos impõe.

(a música é cessada de repente. As luzes acendem com a música) (quando as luzes se acendem o palco está coberto de bexigas brancas)

Não tenho explicação, mas de repente me lembrei dos tempos de 7 ou 8 anos atrás, lembra? Lembre, onde você estava a 7 ou 8 anos atrás, e com quem? Eu me lembrei de repente, como se tivesse feito esforço estrondoso para esquecer e depois de conseguido as lembranças brotassem novamente violentas, quase se materializando em minha frente, e neste momento passou um filme em minha cabeça. Lembrei dela que vinha sempre bonita com seus vestidos juvenis, soltos, suspirantes, sempre de cores claras, seus pés descalços e os cabelos soprados no vento. Aquele sorriso é o que eu realmente nunca esqueci, já aconteceu dele permanecer como um símbolo do que é feliz, um símbolo grandioso do amor, e vira e mexe além do sorriso lembro do rosto todo dela. Seus pés tocando o mármore com a singeleza das princesas, e suas mãos tocando meu rosto com graça. E o sorriso. Sete ou oito anos às vezes parecem mais que a eternidade, quase uma vida antes. Eu quase era outro. Agora com certeza sou outro, tanto que estou só, tanto que estou sozinho e quase arranco os cabelos por isso. Era o tempo que eu ainda soltava pipas, corria feito criança que já nem era, mas por brincar com elas às vezes me considerava uma. Era o tempo que eu acordava de sobressalto na madrugada, isso sim, e imediatamente ligava pra sua casa e conversava um pouco, ainda que fosse madrugada alta, ainda que tivesse medo de andar no escuro, ainda que acordasse seus pais. Nunca tive medo de acordar seus pais, e nem os vizinhos de seus pais, eu me lembro. Ah!! Era o tempo em que eu tinha um cachorro. E tinha os brinquedos do cachorro, eu comprava a ração específica da raça e minha casa cheirava

a cachorro, por isso também eu nunca estava sozinho. Por isso eu nunca sentia medo.
(batidas na porta) Bateram em minha porta, atendi enquanto o cachorro latia, a vizinha queria saber de mim. Era uma paquera, lembro que conversamos até o inicio da madrugada, ali na porta. Veja que mal educado eu fui, não a convidei para entrar. Mas do contrário talvez parecesse algum tipo de insinuação. Não que nós não quiséssemos, queríamos, mas ás vezes é bom só conversar. E conversar é tudo o que você precisa. Pensar enquanto fala e desentalar a mente. É verdade, até chorei conversando com ela, sempre fazia esforço para não chorar na frente das pessoas. Nunca consigo.

(luz demarcando cada espaço do palco, o discurso é um tanto político)

Certamente veremos a seguir o contexto idealizado do mundo em frangalhos do neo-filósofo romano. De fato, a retórica teórica evidente neste caso não diz respeito as leis de convivência já refutadas pelo estado soberano da atual monarquia parlamentarista. O que ocorre é a desvalorização dos conceitos, até então subordinados a uma dinastia oligárquica, a qual se predispõe a destronar a qualquer custo o legado da filosofia romana. Justo na Escócia, onde foi apresentado o tratado das leis modernas, a tempestade de revoluções e manifestos de esquerda tomou a cabeça da população. A Eslováquia também se encontra em situação similar já que no país, recentemente houve greve de burros e carroças pelo fato das estradas de terra estarem mal asfaltadas.

Ora, pato, penso que não podemos ser tão radicais assim conoscemos mesmos. Devemos pisar em ovos quando o assunto são os novos. Eu deveria ir, mas não sei como. Na verdade nem sei o que procuro, acho que procuro a mim mesmo, o meu eu-lírico, quem sabe. Que engracado, eu procuro por mim, e nem sei por onde devo começar. Algo me diz que devo começar saindo daqui, algo me diz que essa conversa já foi esgarçada ao seu limite, e que ninguém mais agüentaria me ouvir dizendo pato, pato, chato que sou, mas é sempre tão difícil ir. E a verdade é que eu não sei para onde. Algo me prende aqui, a lei da inércia provavelmente. Pisque um holofote pra mim e eu sigo o caminho como quem crê na divindade e não questiona seus sinais. Parece que estamos no meio do caminho, onde tudo é meio confuso, tudo que é proveniente de trabalho de improvisação e não se tem final. E é tão difícil sair. O tempo não passa, hein, pássaro? Oh, desculpe, me distrai em meu subconsciente enquanto escutava música em frente ao computador digitando este texto, hein pato? Pato! Hein, pato? Não é verdade? E eu ainda nem sei quanto tempo falta para terminar esta representação sem fim, já que ainda não escrevi nem tenho idéia do fim, por isso nem sei quanto tempo falta, nem se vou conseguir decorar tanto texto. O engracado é que o tempo que falta é sempre o tempo que nunca chega. Ainda que se passassem 9 minutos, faltando 10 para terminar a peça, este um minuto que falta seria o um minuto que nunca chegaria. Por isso é tão difícil ir embora, ir embora é dar ponto final. E como o final é o tempo que falta, e como o tempo que falta é sempre o tempo que nunca chega, sempre achamos mais fácil terminar do jeito que começamos. Dormir por ali mesmo. Não ir embora por enquanto. Por isso lidamos tão mal com a morte. E por isso nunca morremos. Nós mesmos, nunca morremos. Os outros sim, até sentimos falta, mas nós nunca. Fiquei emocionado de repente. Isso não me sai da mente, o tempo que falta é sempre o tempo que nunca chega. É mais fácil ser só quando se é solitário do que ser só quando se está repleto de acompanhantes. Espera só e vai ver só a dó que é ser só quando hoje em dia a moda vigente é estar acompanhado de gente-inha. Rinha.

(os holofotes piscam indicando o caminho, o homem vai andando sozinho, no caminho declama poesias como se as inventasse naquele instante, de repente as luzes se apagam como num curto-circuito. São acesas 4 píras, uma em cada ponto do palco. O homem vai desenhando uma cruz de velas no chão.) (tema de fundo)

Questão de tempo me perder nesta infinitude

Por um momento quase me achei lúcido

**Esquecido que estava que sou confuso
De uma confusão tenaz e competente e completa**

**Tanto que a paz passageira que me aquietá
Já se tornou comprimido raro e ineficaz
A minha cabeça leve, pequena , embriagada
Se esquece de quem a rege por não ter lógica**

**Em tropeços ando desencaminhado sem saber
Do melhor atalho, do melhor destino, bem que sei
Que meu caminho é recôndito e difuso
E foi a escolha que me coube antes do incabível**

**Hoje que optei por não ser e ser vendado
Antes ser vendido e transvestido e transfigurado
Não estou certo do que fiz nem do que me será feito
Mas tanto faz, mesmo só me acho quando estou perdido
*(o tema cala)***

Oi mãe. A senhora já teve a sensação de estar andando em círculos? Às vezes penso que ainda que eu corresse ainda continuaria nesta mesma sala. Não há projeção que cause esta ilusão que pensei. Pergunte ao paSSarinho se posso parar agora.
(volta o tema de fundo)(a primeira pira é apagada)
(o homem vai arrumando velas num sinal de cruz, mas sem acendê-las. No fundo de cada vela tem um pouco de tinta negra. Ele usa essa tinta para discretamente sujar o rosto)

**Por crer na profecia registro
Os benefícios mágicos que se anunciam
Levito em êxtase ao lembrar o futuro
Onde, aclamado, me vejo em berço esplêndido
Então, só agora, reconheço minha nacionalidade**

**Sorriso contagiate que me mora
Vendo todos os meus presentes conquistados
Todos os meus amores ao meu lado
Os meus dissabores queimados da memória
Então, só agora, reconheço minha utilidade**

**Neste sol gracioso que me contempla
Desfilo, orgulhoso, minhas vitórias
Sob olhos curiosos que me admiram
Exemplificando os meus feitos com alegria
Então, só agora, reconheço minhas amizades**

**Meu ofício, como os outros, me traduz
Simbolizando e alcândo mais sucessos
E se desejo o mundo inteiro em meus braços
Me é dado o mundo na velocidade em que lhe peço
Então, só agora, reconheço minha divindade**

(suado, depois de ter dado várias voltas) (melodia 3 intensificada, distorcida) Ah, meu velho amigo, que saudades que senti de você. Por alguns anos, foi como se você estivesse morto, mas os verdadeiros amigos nunca morrem. Agora relembro, tudo o que fizemos, cuspimos no rosto das pessoas fingindo que éramos deuses fazendo representação, e riamos por dentro a revelia dos mais mal humorados, agora me

lembro como se o tempo tivesse parado. Veja que ironia, falei de você ainda a pouco, mas meia hora é muito tempo quando o tempo é ritualizado e quando o ritual é chato. Mal se tem noção do tempo, nem de quantos já se levantaram fazendo careta medonha. (sorri sinceramente) Fiquei tão feliz em te reencontrar, que alegria, ainda que eu saiba que este é um recurso usado para salientar o avanço de minha doença, seu jeito altivo, garoto esperto, amigo meu de certo, não há o que duvidar. É uma alegria, só assim mesmo para nos revermos, só assim em meio a uma representação, (como se o tempo tivesse parado) em meio a uma representação, em meio a uma representação, em meio a uma representação. Só assim, não? (a segunda pira é apagada)

(acende as velas no formato de cruz com uma das piras e permanece se iluminando com a pira, de costas para o público, olhando para o céu) (o homem desesperado)
Deus? Deus? Fui proibido de dizer o seu nome, mas não é como se chama? Deus?! Deus!!!! Eu não tenho medo de chamar pelo nome. Rei, vossa meritíssima senhoria alteza majestade real divina. Compareça a esta humilde reunião singela e simplória, compareça, compadeça de mim que estou nervoso, um pouco nervoso, gago, dicção ruim, não é o que eu quero dizer, entenda, sente-se em qualquer cadeira, ainda que seja velho, ainda que todos os lugares estejam vagos e que eu fale diretamente contigo, divindade, falo contigo, aproveito o ensejo para me prostrar novamente aos seus pés como ovelha que reza novena desesperada pelo senhor não ser quem quer que seja não suportaria. Deus, me perdoe, profanar as divindades é só o que me resta. Só o que me resta. (a terceira pira é apagada)

(falado de frente para o público, a pira iluminando o rosto)(melodia 2 distorcida)
Meu filho, que lhe toma a cabeça? Porque cospe em meu rosto desta forma ateísta? (cantarolando) “Quem tem medo do novo ateu, novo ateu, novo ateu.” Esta imagem que fazem de mim, compreensivo e sábio, às vezes vem bem a calhar, fique calmo, fale com calma, não cuspa nas pessoas, estes perdidotos incomodam quem está sentado na primeira fila. Quanto a você, senhorzinho, aquietá o peito e olha o céu. Ser abençoadão?! Veja, conformidade talvez seja o melhor antídoto. Disse conformidade, conformidade é ficar onde está, ficar onde está. Abaixa a cabeça galinho de briga, abaixa a cabeça e entrega nas mãos de Deus.

(chora somente em sua cabeça, talvez uma mangueira que os enfermeiros usam para acalmá-lo a distância. As velas e a última pira são apagadas com a água.)
(A cena é toda feita com lanterna potente, focando a cena como uma câmera cinematográfica)(música de transtorno, espaço para diversidade de instrumentos)

(lanterna no busto e no rosto) Só pedi sol com toda aquela chuva

Nem era nada demais , nem obras

Nem amigos calorosos, só sol

E bastaria pra fazer-me mais feliz

Só importava-me com tudo e com todos

Sol. (mãos levantas, lanterna nas mãos) De imensa bola incandescente

Faz-se minha imensa (ele abaixa as mãos, a lanterna continua, foca o nada) satisfação

(lanterna no busto e rosto, ele está abraçado) Só acalanto com todo aquele frio

Só queria sol naquele (lanterna desliga) dia nublado e sombrio

Sol seria mais belo do que toda aquela carranca (lanterna no rosto,fazendo careta)

Procurava a todo momento um abraço

Por frio somente, tremia as pernas

Batia o queixo roxo, queria um eneosto

Por cansaço

Morte interna

Me agarrei a qualquer poste de rua
Mas queria que o vento me levasse
Até suei frio, até chorei um rio
Queria calma como a sua (*lanterna em alguém da platéia*)
pra que ele desaguasse
Descobri-me perdido, encardido, esquecido
Descobri mais nada, calada, camuflada
Tudo era branco (*luz geral*), tudo era breu (*blackout*)
Sabia de nada, quem era eu? (*lanterna no rosto*)
Ninguém (*meia sombra na luz*)
Respondeu (*sombra inteira*)

Fechei olhos, corri pernas e braços
Á todo momento, cada momento mais rápido
Passava a toda hora por lugar nenhum
Mais rápido que os ponteiros
Perdi-me no espaço
Abri olhos, parei coração e corpo
Um corpo nu, um coração cálido
Rezei um pai-nosso á oxum
Ajoelhei os joelhos
Perdi-me de novo
Aonde estou? Me digam!
Porque escrevo tantas coisas? O que houve?
Estou preso, sou obrigado, estou possuído
Fui vendido
Talvez até assassinado
Mas ínsito

Torrenciaлизou ainda mais aquela chuva
Agora já bradava palavrões
Evidenciava desespero, puxava meus cabelos
Vomitava meus pulmões
Chuva, chuve, chuvei
Chuvei, churei, chorei
Já não sabia o que era de Deus, o que era meu
Gotas, lágrimas, parecia chorar ainda mais
Chorava mar, tanto era o sal
Tão pouco era o sol
Só queria amar

Furei flores, arranquei-lhes
Pétala a pétala, colhi sementes do solo
Mastiguei-as, gosto ruim
Cuspi de volta, cuspi
Chutei areia
Cai na areia
Enchi-me de areia
Enterrei-me
Vivo
Disse que era Jesus, já que podia ressuscitar quando quisesse
Outros nem quiseram
Riso
E já era louco

Tantos sóis , vejo agora, inúmeros! (lanterna descontrolada, discoteca)
Brilham por todos sempre , seja, dia ou noite
Chega a ser calidoscópios, são brilhantes
E eu sou o Jesus mais feliz de qualquer cruz (crucifixo na frente da lanterna)
Só não lembro de dias chuvosos
Dias sóis, em que eu só queria sol
E sol não achei, nem vivo nem morto
Só queria sol
Contudo tenho certeza de que se sol
Me fosse dado
Tanto quanto sou errado
Querer já não iria
Tomo remédio todo dia
E às vezes levo choque
(lanterna apaga de repente e liga foco no mesmo momento)
(música, capela)
Oh Destino, me devolva a chance
Para que meu sol volte a brilhar e meu olho encharcar de romance
Quem sabe até procuro novo rumo
Viro pessoa de estima, desdigo minha sina
Tomo prumo

E quando pisar os pés em novas terras
E minha esperada liberdade se realizar
Irei benzer meu corpo e batizar minha alma
Serei santo e estarei longe da guerra

(só agora a chuva cessa)(silêncio completo)
(somente agora fala diretamente com o público)(luz geral, ele vende seu teatro)(limpando o rosto com uma toalha e um pouco de água)
Venho aqui, mulher, para vender toda essa coisa. Nunca disse a ninguém que a compraria- mesmo por não poder gastar com luxos, bujigangas- mas também não é assim quinquilharia inútil. Acontece que vendo toda essa coisa por não querer me perder de mim, entende? Saio pelo mundo inteiro sustentado por esses dois cansados pés que vê, mas pouco reclamo já que esta foi a vida que escolhi, e não por não ter opção. Eu vendo, mulher, e me orgulho de ser quem eu escolhi ser. Eu escolhi ser esse quem sou bem como meus clientes escolhem de forma prepotente e crítica qual a mercadoria que melhor lhe apetece: “- Não esta, é mal feita, quero a bem trabalhada do canto.” Foi assim que eu também pude apontar a dedo o qual eu me dispunha a ser. E estou contente com minha escolha. Eu ofereço presentes, coisas que julgo belas apesar da pouca utilidade. Disponibilizo a quem se encantar, às vezes facilito, barateio a obra, não me tomo de vaidade. Só o que me importa é viver como quis, por assim ter apontado com o dedo, e já sou feliz por caminhar por essa estrada a fora.

(Abre-se um foco no centro do palco, ator se posiciona. As luzes do teatro apagam novamente, volta a encenação. C ontra-regra joga serpentinas.) (melodia 1)
“Rei, te intero dos fatos: recobrei a memória :). Verdade verdadeira, recobrei! Fui lavar o rosto, joguei água da pia como se tomasse banho num riacho, e de repente me veio tudo à cabeça, acho, foi como se um relâmpago me atingisse e eu quase cai sentado. Loucura. As luzes pisacavam, não digo sem parar porque se não parassem não piscariam, prefiro dizer que piscavam muito. Aquilo quase me deu dor de cabeça, por isso me refresquei mais um pouco, chacoalhei afim de me recompor, enfim. Depois

chamei alguém, queria ser cuidado, fiz manha como se não estivesse bem (e não estava). Olhei para os lados, pra cima e baixo, reparei que tinha molhado o chão todo e ai fingei o desmaio. Àlcool nenhum no sangue, foi caso pensado por conta da memória repentina. Acordei com as pessoas jogando serpentina, brincando no carnaval, fantástico. por isso vou embora, lembrei de tudo. Agora entendo aqueles sonhos estranhos."

(tema efusivamente alegre, lendário)

Fim.